

1. Primeiros anos

Claro que eu era religioso. Cresci na igreja. Meu pai era pastor, meu avô era pastor, meu bisavô era pastor, meu único irmão é pastor, o irmão de papai é pastor. De modo que não tive muita escolha.

25 de novembro de 1926

Michael (depois Martin) Luther King, pai, casa-se com Alberta Williams, filha de A.D. Williams, pastor da Igreja Batista Ebenezer

15 de janeiro de 1929

Nasce Michael (depois Martin) Luther King na casa da família Williams/King, na avenida Auburn, 501, em Atlanta

21 de março de 1931

A.D. Williams morre e é sucedido como pastor por King, pai.

18 de maio de 1941

Morre Jennie Celeste Williams, avó de King, e a família se muda para a Boulevard, 193, em Atlanta

17 de abril de 1944

King viaja para Dublin, Geórgia, a fim de participar de concurso de oratória sobre o tema “O negro e a Constituição”

NASCI NO FINAL da década de 1920, no auge da Grande Depressão, que iria espalhar seus braços destrutivos por todos os cantos desta nação por mais de uma década. Eu era muito jovem para que possa recordar o início dessa depressão, mas me lembro, quando tinha uns cinco anos, de ter interrogado meus pais sobre aquele monte de gente que vivia na pobreza. Posso

perceber os efeitos dessa experiência de minha tenra infância em meus sentimentos anticapitalistas.

Minha cidade natal é Atlanta, na Geórgia, capital do estado e conhecida como “portal de entrada para o Sul”. Atlanta é o meu lar. Nasci na avenida Auburn. Nossa igreja, a Ebenezer, fica na avenida Auburn. Sou agora um dos pastores dessa igreja e meu escritório na Conferência da Liderança Cristã do Sul fica na avenida Auburn.

Por algum tempo frequentei escolas públicas de Atlanta, depois fui para o que então se conhecia como Laboratório de Ensino Secundário da Universidade de Atlanta, onde permaneci por dois anos. Depois que esse educandário fechou, fui para a escola secundária Booker T. Washington.

A comunidade em que nasci era muito padronizada em termos de status social. Nela não havia ninguém que tivesse conseguido ficar muito rico. A maioria dos negros que tinham conseguido esse feito em minha cidade natal morava numa área conhecida como “Hunter Hills”. A comunidade caracterizava-se por uma genuína simplicidade. Ninguém era pobre ao extremo. Provavelmente é justo classificar as pessoas dessa comunidade como de renda média. Era uma comunidade exemplar, embora nenhum de nós jamais tenha sido considerado membro da “classe AA”. A criminalidade era mínima e a maioria de nossos vizinhos era profundamente religiosa.

Sempre fui uma criança de saúde extraordinária. Dizem que quando nasci os médicos me declararam 100% perfeito, do ponto de vista físico. Praticamente não sei o que é ficar doente. Creio que o mesmo se aplica à minha vida mental. Sempre fui um tanto precoce, física e mentalmente. Parece, assim, que, do ponto de vista hereditário, a natureza foi muito generosa comigo.

Minha situação familiar era muito harmoniosa. Tenho uma mãe e um pai maravilhosos. Praticamente não me lembro de eles terem alguma vez discutido (meu pai é o tipo de pessoa que simplesmente não discute) ou tido uma grande desavença. Esses fatores foram muito importantes para determinar minhas atitudes religiosas. É muito fácil para mim imaginar um Deus de amor sobretudo porque cresci numa família em que o amor predominava e as relações amorosas estavam sempre presentes. É muito

fácil para mim imaginar um universo em essência amistoso sobretudo devido a minhas condições hereditárias e ambientais inspiradoras. É muito fácil para mim tender mais ao otimismo que ao pessimismo sobre a natureza humana sobretudo em função de minhas experiências da infância.

Em minha própria vida e na de uma pessoa que esteja buscando ser forte, combinam-se antíteses de caráter muito pronunciadas. Somos tanto militantes quanto moderados, tanto idealistas quanto realistas. Acho que minha profunda obstinação por justiça vem da personalidade dinâmica, muito enérgica, de meu pai, e imagino que os traços gentis venham de uma mãe muito doce e gentil.

“Mãe Querida”

Minha mãe, Alberta Williams King, ficava nos bastidores, exercendo os cuidados maternos que, se ausentes, deixam um elo perdido na vida. É uma pessoa muito devota com um profundo compromisso com a fé cristã. Ao contrário de meu pai, é uma pessoa de fala mansa e fácil de lidar. Embora tenha uma personalidade muito introvertida, é calorosa e facilmente acessível.

Filha de A.D. Williams, um pastor de sucesso, Alberta Williams foi criada em relativo conforto. Frequentou as melhores escolas e a melhor faculdade que havia e foi, em geral, protegida dos piores ultrajes da discriminação. Filha única, teve todas as facilidades que um aluno de ensino médio ou de faculdade poderia esperar. A despeito de suas condições relativamente confortáveis, nunca se ajustou docilmente ao sistema de segregação. Desde o início, instilou em todos os seus filhos um senso de autorrespeito.

Minha mãe defrontou-se com o velho problema que aflige pais e mães negros nos Estados Unidos: como explicar a discriminação e a segregação a uma criança pequena. Ela me ensinou que eu devia ter a consciência de “ser alguém”, mas ao mesmo tempo tinha de sair e enfrentar um sistema que me encarava diariamente dizendo “você é menos”, você “não é igual”.

Ela me contou sobre a escravidão e como ela terminou com a Guerra Civil. Tentou explicar o sistema de divisão racial no Sul – a segregação em escolas, restaurantes, teatros, moradias; os cartazes em bebedouros, salas de espera e lavatórios reservando-os para brancos ou pessoas de cor – como uma condição social e não como resultado de uma ordem natural. Deixou claro que se opunha a esse sistema e que eu nunca deveria permitir que ele me fizesse sentir inferior. E então pronunciou as palavras que quase todo negro tem de ouvir para poder entender a injustiça que as torna necessárias: “Você é tão bom quanto qualquer um.” Nessa época mamãe não fazia ideia de que, muitos anos depois, o garotinho em seus braços se envolveria numa luta contra o sistema do qual ela estava falando.

“Papai”

Martin Luther King, pai, é tão forte em sua determinação quanto do ponto de vista corporal. Tem uma personalidade dinâmica e sua própria presença física (pesa cerca de cem quilos) atrai a atenção. Sempre foi uma pessoa muito forte e autoconfiante. Raramente encontrei alguém tão destemido e corajoso quanto meu pai, apesar do fato de ele se preocupar com minha segurança. Ele nunca teve medo de brancos autocráticos e cruéis. Se lhe dissessem alguma coisa que considerasse insultuosa, ele deixaria claro, em termos inequívocos, que não tinha gostado.

Filho de um meeiro, ele conheceu a brutalidade em primeira mão, e desde cedo foi obrigado a revidar. Sua família morava numa cidadezinha chamada Stockbridge, na Geórgia, a cerca de trinta quilômetros de Atlanta. Um dia, trabalhando na plantação, ele percebeu que o proprietário estava enganando seu pai, roubando-lhe o dinheiro ganho com tanta dificuldade. Contou isso ao pai na presença do dono da fazenda. Então este gritou, cheio de raiva e fúria: “Jim, se você não colocar esse crioulinho* no lugar dele,

* Em inglês, “*little nigger*”. A palavra *nigger*, essencialmente pejorativa, não tem tradução exata em português. A opção por “crioulo” é um recurso comum. (N.T.)

vou lhe dar uma bofetada.” Vovô, totalmente dependente do fazendeiro em termos de segurança econômica, ordenou a meu pai que se calasse.

Papai, recordando essa experiência, diz que naquele momento tomou a decisão de deixar a fazenda. Muitas vezes afirma, com bom humor: “Nunca mais vou tocar uma mula.” Depois de alguns meses ele deixou Stockbridge e foi para Atlanta determinado a obter uma boa educação. Embora tivesse então dezoito anos – um ano a mais que as pessoas que estavam terminando o ensino médio –, começou a frequentar uma escola secundária e não parou até concluir o terceiro grau no Morehouse College, em Atlanta.

O que mais admiro em meu pai é seu caráter genuinamente cristão. Ele é um homem verdadeiramente íntegro, comprometido com princípios éticos e morais. É consciencioso em todos os seus empreendimentos. Até quem discorda de sua franqueza tem de reconhecer a sinceridade de seus motivos e ações. Ele nunca hesita em falar a verdade e dizer o que pensa, ainda que isso seja desconfortável. Essa qualidade da franqueza com frequência faz com que as pessoas tenham medo dele. Jovens e velhos já vieram a mim e disseram: “Tenho um medo mortal do seu pai.” Realmente, ele é severo em muitos aspectos.

Meu pai sempre teve grande interesse por direitos civis. Foi presidente da Associação Nacional para o Progresso das Pessoas de Cor (NAACP, na sigla em inglês) em Atlanta e sempre defendeu a reforma social. Desde antes de eu nascer, ele se recusava a andar de ônibus na cidade após testemunhar um ataque brutal a um grupo de passageiros negros. Ele liderou em Atlanta a luta pela equiparação dos salários dos professores e foi parcialmente responsável pelo fim da segregação nos elevadores do fórum.

Como pastor da Igreja Batista Ebenezer, meu pai obteve grande influência na comunidade negra e talvez tenha conquistado um respeito relutante dos brancos. De qualquer forma, eles nunca o atacaram fisicamente, fato que espantava a mim e a meus irmãos, já que crescemos nessa atmosfera tensa. Com essa herança paterna, não surpreende que eu também tenha aprendido a abominar a segregação, considerando-a ao mesmo tempo racionalmente inexplicável e moralmente injustificável.

NUNCA TIVE A EXPERIÊNCIA da carência no que se refere às necessidades básicas da vida. Essas coisas eram sempre providas por um pai que invariavelmente colocava a família em primeiro lugar. Meu pai nunca ganhou mais que um salário modesto, mas o segredo é que ele dominava a arte de poupar e gerir. Sempre foi sensato o bastante para não viver acima de seus recursos. Por esse motivo, foi capaz de nos prover, sem muito esforço, com as necessidades básicas da vida. Fiz meus estudos direto, do início ao fim, sem precisar interrompê-los para trabalhar ou coisa semelhante.

Meus primeiros 25 anos de vida foram muito agradáveis. Se tivesse um problema, sempre podia apelar a papai. As coisas se resolviam. A vida fora embrulhada para mim num pacote de Natal. Isso não quer dizer que eu tenha nascido com uma colher de prata na boca – longe disso. Sempre quis trabalhar, e era assim que passava os verões.

“As dúvidas brotam incessantemente”

Entrei para a igreja aos cinco anos de idade. Lembro-me bem de como esse evento ocorreu. Nossa igreja estava em meio à campanha de primavera, e um pregador convidado havia chegado da Virgínia. Na manhã de domingo ele veio à nossa escola dominical para nos falar sobre a salvação, e depois de discorrer brevemente sobre o tema fez um convite àqueles de nós que quisessem entrar para a igreja. Minha irmã foi a primeira a aceitá-lo naquela manhã, e então eu decidi que não ia deixá-la ficar à minha frente, de modo que fui o próximo. Eu nunca tinha pensado sobre o assunto, e mesmo no momento do meu batismo não tinha consciência do que estava acontecendo. Isso deixa bem claro que entrei para a igreja não como resultado de alguma convicção intensa, mas pelo desejo infantil de me manter equiparado a minha irmã.

A igreja sempre foi para mim um segundo lar. Tanto quanto consigo recordar, eu ia à igreja todo domingo. Meus melhores amigos frequentavam a escola dominical, e foi ela que me ajudou a desenvolver a capacidade de me relacionar com as pessoas. Creio que isso era inevitável, uma vez que

meu pai era o pastor, mas nunca lamentei frequentar a igreja até atravessar uma fase de ceticismo em meu segundo ano de faculdade.

As lições que aprendi na escola dominical eram de uma linha bem fundamentalista. Nenhum de meus professores jamais duvidou da infalibilidade das Escrituras. A maioria deles era iletrada e nunca tinha ouvido falar de criticismo bíblico. Naturalmente, eu aceitava os ensinamentos como me eram transmitidos. Nunca senti necessidade de duvidar deles – pelo menos naquela época. Creio que aceitei acriticamente os estudos bíblicos até mais ou menos uns doze anos de idade. Mas essa atitude acrítica não duraria muito, pois era contrária à própria natureza do meu ser. Eu sempre fora do tipo questionador e precoce. Aos treze anos, deixei minha turma da escola dominical chocada ao negar a ressurreição corporal de Jesus. As dúvidas começaram a brotar incessantemente.

“Como eu podia amar uma raça de pessoas que me odiavam?”

Ocorreram dois incidentes no final de minha infância e início da adolescência que tiveram um efeito enorme em meu desenvolvimento. O primeiro foi a morte de minha avó. Ela era muito querida por todos nós, mas sobretudo por mim. Às vezes penso que eu era seu neto favorito. Fiquei especialmente pesaroso com sua morte acima de tudo em razão do imenso amor que sentia por ela. Ela ajudou muito a criar todos nós. Foi depois desse incidente que debati com alguma profundidade a doutrina da imortalidade. Meus pais tentaram explicá-la e me garantiram que, de alguma forma, minha avó ainda vivia. Acho que é por isso que hoje em dia tenho tanta fé na imortalidade pessoal.

O segundo incidente aconteceu quando eu tinha uns seis anos de idade. Desde os três eu costumava brincar com um coleguinha branco mais ou menos da mesma idade. Sempre nos sentimos livres para fazermos juntos nossas brincadeiras infantis. Ele não vivia em nossa comunidade, mas costumava estar ali todos os dias; seu pai era proprietário de uma loja que ficava em frente à nossa casa. Aos seis anos entramos na escola – escolas

separadas, é claro. Lembro-me de que nossa amizade começou a se romper nesse momento – por desejo não meu, mas dele. O clímax aconteceu quando um dia ele me disse que seu pai tinha exigido que ele não brincasse mais comigo. Nunca vou me esquecer do choque que isso representou para mim. Imediatamente perguntei a meus pais sobre os motivos por trás de uma afirmação como essa.

Estávamos à mesa de jantar quando essa situação foi discutida, e então pela primeira vez ganhei consciência da existência de um problema racial. Nunca tinha me dado conta disso antes. Quando meus pais expuseram algumas das tragédias resultantes desse problema e alguns dos insultos que eles próprios haviam confrontado, meu choque foi grande, e a partir desse momento decidi odiar qualquer pessoa branca. Enquanto eu ia ficando mais velho, esse sentimento continuava a crescer.

Meus pais sempre me disseram que eu não devia odiar os brancos, ao contrário, que era meu dever, como cristão, amá-los. Uma pergunta surgiu em minha mente: como eu podia amar uma raça de pessoas que me odiavam e que tinham sido responsáveis pelo rompimento de minha amizade com um de meus melhores amigos de infância? Essa continuou sendo por alguns anos uma grande pergunta em minha mente.

SEMPRE TIVE UMA ANIMOSIDADE pelo sistema de segregação, percebendo-o como uma grave injustiça. Lembro-me, certa ocasião, de ir com meu pai a uma sapataria do centro da cidade quando ainda era pequeno. Tínhamos nos sentado nas primeiras cadeiras vazias que havia na loja. Um jovem vendedor aproximou-se e murmurou, educadamente:

– Terei prazer em atendê-los se passarem para aquelas cadeiras lá no fundo.

Papai imediatamente retrucou:

- Não há nada de errado com estas cadeiras. Estamos confortáveis aqui.
- Desculpe – disse o vendedor –, mas terão de se sentar lá no fundo.
- Ou nós compramos os sapatos sentados aqui – reagiu meu pai – ou não vamos comprar sapato nenhum.

Dito isso, ele pegou minha mão e saímos da loja. Foi a primeira vez que vi papai tão furioso. Essa experiência me revelou muito cedo que meu pai não se ajustava ao sistema, e teve um grande papel na formação da minha consciência. Ainda me lembro de andar pela rua ao lado dele, que resmungava:

– Não importa por quanto tempo eu tenha de viver com esse sistema, nunca vou aceitá-lo.

E nunca aceitou. Lembro-me de estar com ele no carro, em outra ocasião, quando ele acidentalmente ultrapassou um sinal vermelho. Um policial parou o carro e disse:

– Muito bem, moleque,* encoste aí e me mostre sua licença.

Meu pai respondeu na mesma hora:

– Que fique bem claro que você não está falando com um moleque. Se continuar me tratando por moleque, serei forçado a agir como se não escutasse uma só palavra do que está dizendo.

O policial ficou tão chocado ao ouvir um negro falando de forma tão categórica que não sabia bem o que responder. Nervoso, anotou a multa e saiu de cena o mais rapidamente possível.

“Meu momento de maior raiva”

Havia um sistema de segregação bastante severo em Atlanta. Por muito tempo eu não pude nadar, até que se inaugurou uma ACM negra. Crianças negras não podiam ir a nenhum parque público em Atlanta. Eu não podia frequentar as chamadas escolas para brancos. Em muitas lojas da cidade, eu não podia ir à lanchonete para pedir um hambúrguer ou uma xícara de café. Não podia frequentar nenhum teatro ou cinema. Havia um ou dois cinemas para negros, mas os principais filmes nunca chegavam lá. Quando chegavam, era dois ou três anos depois.

* Em inglês, *boy*, termo utilizado pelos brancos no Sul para fazer referência aos homens negros, independentemente da idade. (N.T.)

Quando eu tinha uns oito anos de idade, estava numa das lojas do centro de Atlanta e de repente levei um tapa, e a única coisa que ouvi foi alguém dizendo:

– Você é aquele crioulo que pisou no meu pé.

Era uma mulher branca. É claro que não reagi de forma alguma; eu não ousaria reagir quando uma pessoa branca estivesse envolvida. Acho que parte disso tinha a ver com minha estrutura congênita – ou seja, nunca fui de devolver uma agressão. Finalmente contei a minha mãe o que tinha ocorrido, e ela ficou muito aborrecida. Mas a mulher já tinha ido embora, e minha mãe e eu saímos da loja quase que imediatamente.

Recordo-me de outra experiência que costumava ter em Atlanta. Eu frequentava um colégio do outro lado da cidade – a escola secundária Booker T. Washington. Precisava pegar um ônibus num lugar que era conhecido como Quarto Distrito e ir para a Zona Oeste. Naqueles dias, havia rígidos padrões de segregação nos ônibus, de modo que os negros tinham de se sentar atrás. Os brancos sentavam-se na parte da frente, e muitas vezes, ainda que não houvesse brancos no ônibus, esses lugares continuavam reservados, de modo que negros tinham de ficar em pé mesmo havendo lugares vazios. Eu acabava sendo obrigado a ir para a parte traseira com o meu corpo, mas sempre que pegava o ônibus deixava minha alma na parte da frente. E dizia a mim mesmo: “Um dia desses, vou colocar meu corpo onde está minha alma.”

Quando tinha quatorze anos, viajei de Atlanta para Dublin, Geórgia, com uma querida professora, a sra. Bradley. Lá, participei de um concurso de oratória e consegui vencer. Meu tema, ironicamente, foi “O negro e a Constituição”.

Não podemos ter uma democracia refinada com um grande grupo vivendo na ignorância. Não podemos ter uma nação saudável com um décimo da população desnutrido, enfermo, abrigando os germes da doença, que não reconhecem a linha da cor – que não obedecem ao sistema do Jim Crow.* Não podemos ter uma nação ordeira e sólida com um grupo tão

* Nome frequente entre negros americanos que passou a denominar o sistema aparteidista instaurado no Sul dos Estados Unidos após a Guerra Civil. (N.T.)

rebaixado e desiludido que se vê quase forçado a atitudes antissociais e ao crime. Não podemos ser um povo verdadeiramente cristão se afrontarmos os ensinamentos fundamentais de Jesus: o amor fraterno e a Regra de Ouro [“Não faça aos outros o que não gostaria que fizessem a você”]. Não podemos atingir a prosperidade plena com um grande grupo tão desprovido que não pode adquirir bens. Assim, ao nos prepararmos para defender a democracia de um ataque externo, devemos trabalhar para, em nossa própria casa, oferecer justiça e oportunidades a todas as pessoas.

Hoje em dia, 13 milhões de filhos e filhas negros de nossos antepassados continuam a lutar pela tradução da 13^a, da 14^a e da 15^a Emendas das páginas impressas para a realidade. Como elas, acreditamos que “se a liberdade é boa para alguns deve ser boa para todos”, que podemos vencer os exércitos do Sul pela espada, mas vencer o ódio do Sul é outra coisa, que se os negros ganharem as franquias democráticas serão vigilantes e defenderão, com seus próprios braços, a arca da liberdade federal da traição e da destruição por seus inimigos.

Naquela noite, a sra. Bradley e eu estávamos no ônibus voltando para Atlanta. No caminho, alguns passageiros brancos entraram no ônibus e o motorista branco ordenou que nos levantássemos para lhes dar o lugar. Não o fizemos com suficiente rapidez, na visão dele, de modo que ele começou a nos xingar. Eu pretendia permanecer sentado, no mesmo lugar, mas a sra. Bradley recomendou que me levantasse, dizendo que precisávamos obedecer à lei. Aquela noite nunca vai sair da minha memória. Foi a que me deixou com mais raiva em toda a minha vida.

Eu tinha crescido detestando não apenas a segregação, mas também os atos de opressão e barbárie que nela se originavam. Tinha visto a brutalidade policial com meus próprios olhos, e negros sendo alvo da mais trágica injustiça nos tribunais. Posso me lembrar da organização conhecida como Ku Klux Klan. Ela defende a supremacia branca, e naquele tempo chegava a usar métodos violentos para preservar a segregação e manter o negro, por assim dizer, no seu lugar. Lembro-me de ver a Klan realmente espancando um negro. Passei por lugares em que negros tinham sido bar-

baramente linchados. Tudo isso teve um efeito sobre minha personalidade em formação.

Também tinha aprendido que a irmã gêmea inseparável da injustiça social era a injustiça econômica. Embora eu viesse de um lar com segurança econômica e relativo conforto, a insegurança econômica de muitos de meus camaradas e a trágica pobreza ao meu redor nunca saíram da minha mente. No final da adolescência, trabalhei dois verões (contra a vontade de meu pai – ele nunca quis que meu irmão e eu trabalhássemos junto com brancos por causa das condições opressivas) numa fábrica que contratava tanto negros quanto brancos. Ali vi a injustiça em primeira mão, e percebi que os pobres brancos eram tão explorados quanto os negros. Por meio dessas experiências iniciais, cresci profundamente consciente das variedades de injustiça em nossa sociedade.

“Como se uma cortina tivesse baixado sobre minha individualidade”

Pouco antes de entrar na faculdade fui para Simsbury, Connecticut, e trabalhei todo um verão numa fazenda de tabaco a fim de ganhar algum dinheiro para complementar os esforços que meus pais estavam fazendo em relação aos meus estudos. Num domingo, fomos à igreja local, e éramos os únicos negros no recinto. Nas manhãs de domingo, eu era o líder religioso e falava sobre o texto que quisesse para 107 rapazes. Nunca pensei que uma pessoa de minha raça pudesse comer em qualquer lugar, mas nós comíamos nos melhores restaurantes de Hartford.

Depois desse verão em Connecticut, foi com um sentimento amargo que voltei à segregação. Era difícil compreender por que eu podia viajar onde quisesse no trem de Nova York a Washington e então fosse obrigado a passar para um vagão segregado na capital do país a fim de continuar a viagem até Atlanta. Na primeira vez que sentei atrás de uma cortina num vagão-restaurante, foi como se uma cortina tivesse baixado sobre minha individualidade. Nunca consegui me adaptar a salas de espera separadas, restaurantes e lanchonetes separados, sanitários separados, em parte por-